



A Telenovela Paranaense: da Implantação da TV no Estado do Paraná à Era do Videoteipe¹

Tatiana de Medeiros CANZIANI²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo verificar se o processo de produção de telenovelas paranaenses no período pré-videoteipe no estado (1954-1965)³, época que compreende a criação da primeira emissora no Paraná e o uso efetivo do videoteipe por essas emissoras, se assemelha ao padrão contemporâneo inicial desenvolvido prioritariamente no eixo Rio-São Paulo - regiões pioneiras na implementação da televisão no Brasil - de adaptação de roteiros a partir de romances literários (1951-1963).⁴ Dessa maneira, pretende-se constatar quais foram as primeiras telenovelas paranaenses e se dentre esses primeiros programas existem adaptações literárias. Para isso, com a finalidade de compreender e justificar o recorte proposto, faz-se interessante analisar o processo de criação e desenvolvimento da TV no Brasil e no Paraná atendo-se a esses reflexos.

PALAVRAS-CHAVE: TV paranaense; telenovelas paranaenses; romances adaptados.

INTRODUÇÃO

A criação da televisão no Brasil reflete uma tendência globalizadora capitalista, que crescia com igual destaque em outros países do mundo, mas principalmente na América Latina, que pretendia desenvolver a indústria nacional de bens duráveis e aumentar o consumo dos bens produzidos por esse mercado. Com essa intenção é que Getúlio Vargas estabelece uma política estatal focada em alterações estruturais para o país, como a instalação de indústrias em grandes centros urbanos, principalmente na região sudeste, que estimula as migrações inter-regionais de trabalhadores das áreas rurais para as cidades.

¹ Trabalho apresentado no GP Televisão e Vídeo, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Educação pela USP. Mestre em Educação. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo e Letras – Português/ Espanhol. Docente do Instituto Federal do Paraná. E-mail: tatiana.canziani@ifpr.edu.br.

³ BARACHO, M.L.G. **Modernidade em Preto e Branco**: a televisão em Curitiba. Tese (Doutorado em História). Curitiba: PPDH/UFPR, 2007, 211. Segundo a autora, o videoteipe só chega às emissoras paranaenses em 23 de julho de 1965.

⁴ REIMÃO, S. **Livros e televisão**: correlações. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004. Conforme a autora, entre 1951 e 1963 das 164 telenovelas produzidas no Brasil, 95 delas foram realizadas a partir de adaptações literárias e 16 basearam-se em romances literários de autores brasileiros.



Capparelli e Lima⁵ afirmam que esse aumento populacional traz resultados positivos, mas também aspectos negativos para a sociedade. Para a indústria, a concentração de mão-de-obra barateia os custos de produção, porém os trabalhadores sofrem diretamente com isso, uma vez que os salários ficam cada vez mais baixos, pois existe mais procura de empregos do que demanda por profissionais. Nesse contexto contraditório pelo qual passa a economia do Brasil, ao mesmo em que se possibilita o surgimento de uma camada trabalhadora que é consumidora, aumentam-se as diferenças sociais já que o crescimento dos grandes centros ocorre em alta velocidade e os postos de trabalho não são suficientes.

Compreender o processo pelo qual passou a televisão no Brasil, de sua criação até seu momento de consolidação, é respeitar e reconhecer as transformações sociais que também acontecerem nesse período. Dessa maneira, torna-se mais realista e crítica a avaliação que se faz sobre a qualidade das produções televisivas iniciais, sobre o processo de formação da audiência em televisão, sobre a importância/ influência da publicidade para a manutenção e fortalecimento da TV e de seus gêneros.

Esse estudo, ainda que de uma maneira simplória, pretende contribuir para o desenvolvimento dos estudos sobre a televisão no Paraná, uma vez que almeja traçar os primeiros passos para investigar as produções locais dentro do gênero telenovela. Partindo em um segundo momento, em um futuro breve, para a tentativa de coleta de produções e análise de conteúdos dos materiais elaborados já na era videoteipe.

Com essa intenção, esse artigo se dividirá em três momentos que não podem ser vistos de maneira separada, ainda que ocorram em ritmos diferentes: a história e o desenvolvimento da televisão no Brasil, os primeiros passos da televisão no Paraná – das primeiras transmissões à efetiva instalação de uma TV paranaense – e o histórico de telenovelas produzidas no estado, com a finalidade de verificar se a produção desses programas seguiu a lógica de criação de telenovelas adaptadas. Para que se desenvolva essa última etapa será dado destaque para a discussão sobre as primeiras telenovelas brasileiras adaptadas de romances de autores brasileiros, uma vez que esse fato exposto por Reimão⁶ culmina com as características do gênero telenovela no início da TV brasileira.

⁵ CAPPARELLI, S; LIMA, V.A. **Comunicação e televisão: desafios** da pós-globalização. São Paulo: Hacker, 2004.

⁶ REIMÃO, S. **Livros e televisão: correlações**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.



É importante recordar, porém, que não existe a intenção de traçar um histórico completo do estabelecimento da TV no Brasil e no Paraná, não só porque já existem excelentes trabalhos realizados com esse intuito⁷, mas também porque esse espaço se torna restrito para tal desenvolvimento. Por isso, a trajetória histórica aqui apresentada se dá em função de fatores que contribuíram para que o processo de produção de telenovelas no estado se desse de tal maneira.

2. A História da Criação da TV no Brasil e os Reflexos para a Criação de um Padrão Nacional

Com o intuito de promover a unificação de um país, vê-se no estímulo ao desenvolvimento da modernidade um aliado. A inauguração da televisão no Brasil reflete um ato de pioneirismo de Assis Chateaubriand, o Chatô, como elenca Pfromm Netto⁸ (2001). A inauguração da TV Tupi (PRF-3) em setembro de 1950, na cidade de São Paulo, eleva o país lusofalante a uma posição de destaque: é uma das quatro primeiras nações do mundo a possuir emissoras de TV e o primeiro país da América Latina.

Com o nascimento da TV brasileira – comercial e privada – ganham evidência nomes de grandes empresas patrocinadoras desse evento inovador. Dalla Costa⁹ atribui à Companhia Antártica Paulista, Sul América Seguros, Moinho Santista e Prata Wolff essa grande responsabilidade, como reitera Chatô em discurso inaugural da TV Tupi em 1950.

Esse transmissor foi erguido com a prata da casa, isto é, com os recursos da publicidade que levantamos, sobre as Prata Wolff e outras não menos maciças pratas da casa; a Sul América que é o que pode haver de bem brasileiro, as lãs Sams, do Moinho Santista, arrancadas ao coiro das ovelhas do Rio Grande, e mais do que tudo isso, o guaraná *Champagne* da Antártica, que é a bebida dos nossos selvagens. O caium dos bugres do pantanal mato-grossense e de trechos do vale amazônico. Antenai e verei mais fácil do que se pensa alcançar uma televisão: com Prata Wolff, lãs Sams bem quentinhas, Guaraná *Champagne* borbulhante de bugre e tudo isso amarrado e

⁷ Televisão no Brasil: Capparelli e Lima (2004); Hamburger e Bucci (2003); Pfromm Netto (2001); Leal Filho (1997); Simões (1986); Capparelli (1982). Televisão no Paraná: Baracho (2007); Dalla Costa (2004); Jamur Junior (2001).

⁸ PFROMM NETO, S. **Telas que ensinam - Mídia e aprendizagem**: do cinema ao computador. Campinas: Alínea, 2001.

⁹ DALLA COSTA, R.M.C. **A história da televisão no Paraná**: um jeito próprio de fazer parte da televisão brasileira. Florianópolis: II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. GT História das Mídias Audiovisual. 15 a 17 de abril de 2004.



seguro no Sul América, faz-se um *buquet* de aço e pendura-se no alto da torre do Banco do Estado, um sinal da mais subversiva máquina de influenciar a opinião pública – uma máquina que dará asas à fantasia mais caprichosa e poderá juntar os grupos humanos mais afastados. (SIMÕES, s.d., grifo da autora apud ORTIZ, 1988, p.59)

Torna-se público no discurso do jornalista empreendedor, *tyconn*¹⁰ – termo empregado a grandes empresários da comunicação -, desde os princípios da TV brasileira, o caráter comercial estimulador de necessidades de consumo. Por isso, a distribuição de 200 receptores de imagens, por Chatô a grandes empresários paulistanos que alocariam as mais novas peças de desejo nas vitrines de suas lojas. Tornou-se a rua, a sala de estar de muitos telespectadores.

Nesse momento, é que a compra de produtos lançados pela indústria nacional, ou não, passa a ser sinônimo de inserção social¹¹, o consumo torna-se status. Ter um aparelho televisor, no Brasil de 1950 e 1960, refletia as ânsias desse período.

Ainda nos anos 60, famílias ricas do interior, onde os sinais da televisão não haviam chegado e tão cedo não chegariam, instalavam um aparelho novo na sala de estar, e esse aparelho ali ficava, intocado, meses e anos a fio, como um prenúncio de uma modernidade que estava por vir. (CAPPARELLI; LIMA, 2004, p.68)

A afirmação acima revela os caminhos traçados pela televisão no Brasil, uma vez que, inicialmente, a programação veiculada pelas primeiras emissoras era local e regional, restringindo-se à elite que vivia nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Por esse motivo, é que os autores¹² justificam a lenta disseminação da TV no Brasil: público consumidor reduzido frente a altos custos de manutenção de um moderno sistema televisivo; falta de profissionais especializados para atuarem junto ao funcionamento desse sistema complexo; alto custo para produção dos receptores de TV já que a tecnologia utilizada era importada. Eis o surgimento de um brinquedo de elite, como lembra Sodré¹³.

¹⁰ CAPPARELLI, S; LIMA, V.A. **Comunicação e televisão: desafios** da pós-globalização. São Paulo: Hacker, 2004.

¹¹ BOLAÑO, C. R. **Qual a lógica das políticas de Comunicação no Brasil?** São Paulo: Paulus, 2007.

¹² CAPPARELLI, S; LIMA, V.A. **Comunicação e televisão...**, 2004.

¹³ SODRÉ, MUNIZ. **O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1977.



A solução para a disseminação mais efetiva dos receptores paralelamente ao desenvolvimento das emissoras brasileiras recai, como na Era do Rádio, ao mercado da publicidade que ao estimular o consumo, possibilita o crescimento da indústria nacional. Estabelece-se a partir daí um ciclo de dependência, pois quando se barateia o custo da produção de televisores e aumenta-se o consumo desses receptores, permite-se à publicidade um livre acesso a esse meio de comunicação social cada vez mais unificador e de grande penetrabilidade. Estimula-se o consumo de bens duráveis produzidos pela indústria nacional, ao mesmo tempo em que se criam novas necessidades de compra não existentes anteriormente.

Ganham com isso, as grandes emissoras que por já terem maior audiência, por conseguinte, recebem os maiores investimentos publicitários. Brito e Bolaño¹⁴ atribuem a esse momento inicial de desenvolvimento da televisão no Brasil, os primórdios do desequilíbrio no monopólio de emissoras frente à audiência.

3. A TV no Paraná: Vence o Pioneirismo e/ou os Interesses Políticos?

Inaugurada no ano de 1954, sendo a quarta emissora do país, a televisão paranaense também percorre com particularidades, ainda que em menores proporções, o trajeto realizado pela TV Tupi, de Assis Chateaubriand. A TV no estado surge de “(...) pioneirismo, boas relações políticas e uma certa ousadia na visão empresarial.”¹⁵. Essa estréia, porém, poderia ter acontecido anteriormente, uma vez que no ano de 1950, políticos e empresários da região já haviam formado uma associação com o objetivo de organizar uma empresa de televisão. Três anos mais tarde, essa associação freqüentada pelos empresários Alexandre Gutierrez, Mário Hipólito César, Raul Vaz, Nagib Chede e Gastão Chaves torna-se a Rádio e Televisão do Paraná S.A., responsável pelas primeiras transmissões regionais.

Jamur Junior¹⁶ conta que a primeira transmissão veiculada na capital paranaense – um desfile de artistas locais narrados pelo radialista Dide Bettega - foi exibida através

¹⁴ BRITO, V. C. e BOLAÑO, C. R (orgs). **Rede Globo** - Quarenta 40 anos de poder e hegemonia. São Paulo: Paullus, 2005.

¹⁵ DALLA COSTA, R.M.C. **A história...**, 2004, p.4.

¹⁶ JAMUR JUNIOR, J. **Pequena história de grandes talentos: os primeiros passos da televisão no Paraná**. Curitiba: [S.1]:[s.n.], 2001.



de dois receptores audiovisuais localizados nas Lojas Tarobá, sendo um posto na vitrine e outro na entrada da loja. A simplicidade também era vista no estúdio improvisado que ficava no sétimo andar do Edifício Garcez, tradicional prédio localizado no centro de Curitiba. Com apenas uma câmera ligada aos receptores que se encontravam no térreo do edifício, nas lojas Tarobá, filmava-se o evento que ocorria ao vivo ao lado da vitrine da loja.

Essa experimentação, boa vontade e visão empreendedora foram características marcantes nesse período de estréias sem mão-de-obra especializada e infra-estrutura adequada. A estréia da TV no país ocorre sem que haja uma consolidação de padrões estéticos em outras partes do mundo. Cabe ao rádio, fornecer essa bagagem.

A televisão brasileira é herdeira do rádio em todos os sentidos. Dele vieram a mão-de-obra pioneira, as fórmulas dos programas e o modelo institucional adotado. Diferentemente dos Estados Unidos, onde a inspiração estava no cinema, ou da Europa, onde o teatro era referência importante, aqui o rádio foi a matriz da televisão. (LEAL FILHO In HAMBURGER; BUCCI, 2000, p.153)

Na época, todas as emissoras existentes no Brasil pertenciam ao Grupo das Associadas, de A. Chateaubriand: TV Tupi São Paulo, TV Tupi Rio de Janeiro e a TV Itacolomi de Belo Horizonte. A Rádio e Televisão do Paraná S.A., quando da sua estréia, rompe com essa hegemonia, ainda que por pouco tempo e sem intenção de querer tal grandeza. Segundo Dalla Costa¹⁷, os sócios fundadores da empresa juntamente com seus acionistas, pouco tempo depois, transferem a sociedade para o grupo de Chatô que adia a instalação da TV em Curitiba, deixando a capital mais uma vez sem programação. Isso ocorre conforme afirma Jamur Junior¹⁸, pois o grupo das Associadas passa a preferir a instalação da TV Piratini, em Porto Alegre ao invés da TV em Curitiba.

Inconformado com essa decisão, Nagib Chede – proprietário da Sociedade Rádio Emissora Paranaense - começa sua peregrinação para trazer definitivamente uma TV para o Paraná. O empresário rompe com Assis Chateaubriand e solicita a concessão de um canal televisivo para Curitiba, por meio do qual volta a transmitir imagens

¹⁷ DALLA COSTA, R.M.C. *A história...*, 2004.

¹⁸ JAMUR JUNIOR, J. *Pequena...*, 2001.



novamente no ano de 1958. Essa empresa, em 1960, torna-se a TV Paranaense, canal 12.

Muita coisa muda após oito anos da primeira transmissão televisiva no Brasil. Em 1958, os aparelhos de TV tornam-se mais populares do que anteriormente, causando com que haja um deslocamento dos telespectadores das vitrines das lojas para as salas das residências dos vizinhos mais ricos. Estabelece-se a prática dos televisinhos.¹⁹

As lojas dos grandes centros passam a vender aparelhos televisores e tem interesse, portanto que o número de transmissões aumente. Com isso, Nagib Chede²⁰ investe na compra de mais dois apartamentos, criando assim a sede de sua emissora, com um estúdio e um transmissor. Aumentam-se as transmissões, aumenta-se o número de anunciantes e desenvolve-se no Paraná, agora muito mais consolidada, uma TV regional. Uma televisão, porém, com muito menos recursos e experiência profissional do que as emissoras do sudeste.

Ainda no final do ano de 1960, o canal 12 ganha sua primeira concorrente: a TV Paraná, canal 6, é inaugurada em Curitiba dois meses depois da sua rival, em dezembro daquele ano. Motivada pelos desacordos entre Nagib Chede e Assis Chateaubriand, a proposta da TV Paraná passa a ser liderar a audiência local, através de transmissões esportivas²¹. Essa tarefa torna-se mais suave já que o canal inicia sua programação usando equipamentos emprestados da TV Tupi São Paulo que eram manipulados por funcionários experientes da mesma emissora.

Com uma rápida ascensão e na luta pela audiência no estado, o canal 12 muda-se mais uma vez de endereço já que os dois apartamentos não comportam mais o grande número de profissionais – apresentadores, garotos-propagandas, técnicos, entre outros. O empresário aluga um barracão capaz de comportar a estrutura exigida pela variedade de programação que aumenta na mesma proporção²².

Começa-se uma nova fase da televisão no país, uma vez que os conhecimentos técnicos começam a ser aprimorados, juntamente com a evolução tecnológica que passa a ser refletida diretamente na qualidade das transmissões. Porém, com o aumento do número de receptores de televisão, surge a concorrência publicitária, aumenta-se o

¹⁹ CAPPARELLI, S; LIMA, V.A. *Comunicação e televisão...*, 2004.

²⁰ Id.

²¹ Id.

²² Id.



mercado consumidor, entre outros aspectos, o que vai estimular o estabelecimento de novas emissoras de televisão.²³

Conforme afirma Jamur Junior²⁴, com a chegada do videoteipe ao Brasil, fitas vindas de outras emissoras da região sudeste passam a ser despachadas de ônibus e chegam a Curitiba com uma semana de atraso, depois de terem viajado por várias regiões do país e terem sido exibidas em diversas emissoras. É a partir desse momento que Curitiba passa a receber imagens de notícias de Rio de Janeiro e São Paulo.

Finda-se, nesse contexto, uma fase da televisão brasileira caracterizada pelo imprevisto e pioneirismo que marca a expansão do capital nacional, de 1950 a 1964.²⁵ Dando início a uma nova era apresenta um ciclo de investimento estrangeiro em um mercado que já começa a ganhar credibilidade, com profissionais mais experientes e um inquestionável poder comercial.

A terceira emissora paranaense, TV Iguaçu, canal 4, só é inaugurada no ano de 1967. Por esse trabalho atender a um recorte temporal (1954-1964) essa emissora não será abordada uma vez que nasce em um período pós-videoteipe.

4. A Produção de Telenovelas Paranaenses: Reflexos de uma Televisão Ainda em Formação para o Gênero

Com as idas e vindas que giravam em torno da instalação definitiva da televisão no Paraná, foi no rádio que os curitibanos se detinham para buscar programas de notícias, de esportes e também, radionovelas. Segundo Baracho²⁶, enquanto a TV não vinha as rádios ganhavam destaque, totalizando 56 emissoras em todo o estado do Paraná, das quais 16 dessas encontravam-se na capital.

Aproveitando esse nicho de mercado, as rádios curitibanas seguindo um padrão que se repetia em todo o Brasil investia nas novelas e grupos fixos de atores. A Rádio Santa Felicidade chegou a ter um elenco de crianças que fazia a diversão do sábado a

²³ CAPPARELLI, S; LIMA, V.A. *Comunicação e televisão...*, 2004.

²⁴ JAMUR JUNIOR, J. *Pequena...*, 2001.

²⁵ CAPPARELLI, S. *Televisão e capitalismo no Brasil*. Porto Alegre: LPM, 1982.

²⁶ BARACHO, M.L.G. *Modernidade em Preto e Branco: a televisão em Curitiba*. Tese (Doutorado em História). Curitiba: PPDH/UFPR, 2007.



tarde dos ouvintes da emissora.²⁷ Como essa rádio, outras estações do estado também ganhavam audiência com as radionovelas, como: em 1956, a Rádio Colombo que estreava a novela cubana o Direito de Nascer que já havia feito sucesso em outras regiões do país; no mesmo ano, a Rádio Club Paranaense produzia a radionovela local Maria Bueno e um ano depois, lançava Trágico Idílio, um folhetim baseado em fatos verídicos ocorridos no Paraná.

E foi nesse ritmo de transição que as radionovelas passaram às telinhas brasileiras, levando consigo toda a experiência já desenvolvida no rádio, além de seus pré-conceitos e paradigmas. “(...) a novela era percebida, tanto pelos produtores, pelos financiadores, como por aqueles que a realizavam como um gênero menor.”²⁸

Por esse motivo é que Reimão²⁹ afirma que das 164 telenovelas brasileiras produzidas no período compreendido entre 1951 e 1963, cerca de 58% delas foi adaptada de obras literárias e quase 10% de romances brasileiros.

Ao longo desses quase cinquenta anos de produção de telenovelas brasileiras, a literatura ficcional nacional e, em especial, os romances, têm, freqüentemente, fornecido personagens, tramas e enredos a este formato televisivo. A história das telenovelas de origem literária integra-se à história geral do conjunto das telenovelas brasileiras. (REIMÃO, 2004, p.17-18)

A primeira telenovela paranaense só veio a estreiar em 1964, um ano antes da chegada efetiva do videoteipe em Curitiba. A Última Carícia³⁰ foi dirigida por Sinval Martins, adaptada por Paulo Avelar e estrelada por Lala Schneider, profissionais da região que já faziam sucesso no rádio. A estréia da telenovela marcou a ascensão do canal 12 que havia se mudado na época para um barracão por motivos de espaço e aumento de produção. Durante 30 capítulos, a telenovela foi apresentada três dias na semana, às segundas, quartas e sextas-feiras. Como lembra Baracho³¹, esse programa era patrocinado por: metalúrgica Wallig, da Liquigás e Hermes Macedo, com a supervisão de McCann Erickson Publicidade SA.

²⁷ Id.

²⁸ ORTIZ, R.; BORELLI, S.H.S. e RAMOS, J. M. O. **Telenovela**. História e produção. SP, Brasiliense, 1991, 2^a ed., pág. 45. *apud* REIMÃO, S. **Livros e televisão...**, 2004, p.18.

²⁹ Id.

³⁰ DALLA COSTA, R.M.C. **A história ...**, 2004.

³¹ BARACHO, M.L.G. **Modernidade ...**, 2007.

Atendendo à demanda do telespectador, que havia se alegrado com a primeira telenovela exibida em emissora paranaense, e querendo manter-se na liderança frente ao canal 12 – TV Paranaense, a segunda telenovela paranaense e primeira da TV Paraná – canal 6 é Senhora, uma adaptação de Valêncio Xavier e Juarez Machado, do romance de José de Alencar. Devido aos altos custos do projeto televisivo, “(...) a emissora recomendou a Valêncio que não colocasse muitos personagens em suas histórias, para que os atores pudessem ser melhor remunerados.”³² A Senhora paranaense durou 15 dias e foi exibida três vezes por semana, contando com a participação de atores vindos da TV Tupi de São Paulo.

A novela Senhora foi também a primeira telenovela brasileira adaptada de romances de autores brasileiros e futuramente, novamente readaptada, como aponta Reimão³³: a primeira vez em 1952 pela TV Paulista – canal 5, pela TV Tupi em 1962 e pela Rede Globo em 1975.

É sintomático que a primeira telenovela adaptada de texto literário tenha sido, Senhora, de José de Alencar, como se o novo formato televisivo, a telenovela, desprestigiado até mesmo no conjunto da programação do próprio veículo, buscasse extrair um pouco de legitimidade através do “peso cultural” dos autores adaptados. (REIMÃO, S. Livros e televisão: correlações, 2004, p.20)

Na sequência foi lançada pelo canal 12 – TV Paranaense em 1965, a novela O destino disse não que encerrou a era das telenovelas paranaenses na era pré-videoteipe. Jamur Junior³⁴ lembra que logo após ser concluída a segunda telenovela da TV Paranaense, o equipamento de videoteipe já estava em solos paranaenses. Segundo Sinval Martins³⁵, “não houve tempo de criar uma metodologia de teleteatro ou de novela, uma linguagem própria, aqui em Curitiba, porque foram poucas as experiências, muito poucas”.

³² JAMUR JUNIOR, 2001, p.69.

³³ REIMÃO, S. **Livros e televisão: correlações**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

³⁴ JAMUR JUNIOR, 2001.

³⁵ MARTINS, S. depoimento [15.mar.2004]. Entrevistadora: Maria Luiza Gonçalves Baracho. Curitiba: 2004. Entrevista concedida ao Projeto Em preto e branco, os primórdios da televisão em Curitiba apud BARACHO, M.L.G. ..., 2007, p.207.

5. Conclusão

A instalação da televisão no estado do Paraná se dá em duas etapas, caso se considere as primeiras transmissões no ano de 1954. Essa tentativa inaugural que de fato ocorre, ainda que sem tanto glamour, investimento, e experiência revela o desejo de pertencer a uma modernidade que corria contra o tempo para instalar-se em solos brasileiros. Era florescente uma política estatal de crescimento urbano e desenvolvimento da indústria nacional e Curitiba e os curitibanos queriam fazer parte desse novo espaço.

Esse pioneirismo, porém, é vencido inicialmente por falta de investimento de empresários locais que não podiam sobressair frente à grandeza de Assis Chateaubriand e seu Diários Associados. É preciso lembrar também que o Paraná não se destaca politicamente, nem apresenta desenvolvimento industrial de tal modo que possa concorrer de maneira equilibrada com os investimentos destinados à região sudeste. Diante de tais fatos, justifica-se a preferência de Porto Alegre/ Rio Grande do Sul para instalação da primeira emissora de Chatô fora da região inicial.

De 1958 aos anos seguintes em que as Organizações Nagib Chede (ONC) transformam-se em Canal 12 – TV Paranaense, o processo de produção de programas televisivos ainda era muito primitivo e adaptável mesmo que em outras regiões do país as telenovelas já tivessem passado a ser semanais. Nessa região, o consumo de televisores ainda era lento, uma vez que com pouca programação, havia baixo investimento publicitário, baixa audiência e assim por diante.

É possível dizer que essa situação só começa a mudar no início da década de 60 quando o canal 12 ganha a concorrência da TV Paraná, canal 6 – a tão sonhada televisão dos curitibanos que foi idealizada por Assis Chateaubriand. Nesse contexto diferenciado, surge uma programação que segue passos e experiências já desenvolvidas nos grandes centros, uma vez que os profissionais e o equipamento são da TV Tupi.

Da mescla entre a experiência dos atores, apresentadores, garotos-propaganda que nasceram e cresceram na Era do Rádio e que marcam o estilo de rádio paranaense, surge um experimento que traz consigo alguma experiência de outras regiões, outros modelos, mas também criada sem referenciais.



Dessa maneira, quando começa o início de um declínio das telenovelas adaptadas que vai de 1963 a 1969³⁶ - com uma fase de experimentação/ consolidação e conquista de audiência do padrão brasileiro de se fazer telenovela, que não precisa do apoio da literatura para tornar-se mais apreciada – no Paraná, surge a primeira telenovela regional, 12 anos depois da primeira telenovela brasileira ser produzida.

Os custos altos de uma produção como essa frente a um novo desafio de se conquistar audiência, captar recursos para a publicidade, formar profissionais especializados, exige tempo para adaptação, assim como ocorreu com as TV's de RJ e SP.

Fica claro que no Paraná, tende-se às adaptações já veiculadas no rádio que haviam feito sucesso como o Direito de Nascer, assim como a primeira adaptação de Senhora de José de Alencar. Porém, esse processo de descoberta e adaptação vem junto com a inserção do videoteipe nas emissoras paranaenses. A redução nos custos com a produção que deixava de ser ao vivo, permitia mais maleabilidade de profissionais, a cada dia mais experientes, e mais recursos com a publicidade que passa a ser nacional.

O telespectador paranaense passa a ter acesso ao padrão televisivo desenvolvido pelas já experientes emissoras do eixo Rio-São Paulo e começa a ser mais crítico com o que era desenvolvido pelas emissoras locais. Surgem com o videoteipe, *know how*, mas também modelos regionais que não são mais locais.

Ao seguir alguns dos rumos determinados pelo cenário da mídia televisiva no Brasil, acaba por ter sua identidade regional diminuída com a entrada de produção artística-cultural e jornalística de abrangência nacional através da inserção de programação produzida pelas grandes transmissoras às quais se associa. Por outro lado, fortalece laços com o poder político e econômico do estado, resguardando-se de ser prejudicada por esses setores.³⁷

Não há espaço, portanto para que se desenvolvam no estado do Paraná uma quantidade suficiente de telenovelas regionais que seja capaz de se afirmar qual é o modelo próprio estabelecido por essas produções.

³⁶ REIMÃO, S. **Televisão...**, 2004.

³⁷ DALLA COSTA, R.M.C. **História ...**, 2004.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARACHO, M.L.G. **Modernidade em Preto e Branco: a televisão em Curitiba.** Tese (Doutorado em História). Curitiba: PPDH/UFPR, 2007.

BOLAÑO, C. R. **Qual a lógica das políticas de Comunicação no Brasil?** São Paulo: Paullus, 2007.

BRITO, V. C. e BOLAÑO, C. R (orgs). **Rede Globo - Quarenta 40 anos de poder e hegemonia.** São Paulo: Paullus, 2005.

CAPPARELLI, S; LIMA, V.A. **Comunicação e televisão: desafios da pós-globalização.** São Paulo: Hacker, 2004.

CAPPARELLI, S. **Televisão e capitalismo no Brasil.** Porto Alegre: LPM, 1982.

DALLA COSTA, R.M.C. **A história da televisão no Paraná: um jeito próprio de fazer parte da televisão brasileira.** Florianópolis: II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. GT História das Mídias Audiovisual. 15 a 17 de abril de 2004.

HAMBURGER, E. BUCCI, E. (Orgs.). **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

JAMUR JUNIOR, J. **Pequena história de grandes talentos: os primeiros passos da televisão no Paraná.** Curitiba: [S.1].:[s.n.], 2001.

LEAL FILHO, L. L. **A melhor TV do mundo.** São Paulo: Summus, 1997.

PRFOMM NETTO, S. **Telas que ensinam - Mídia e aprendizagem: do cinema ao computador.** Campinas: Alínea, 2001.

REIMÃO, S. **Livros e televisão: correlações.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004

SIMÕES, I. **A nossa TV brasileira: por um controle social da televisão.** São Paulo: Ed. Senac, 2004.

SODRÉ, MUNIZ. **O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1977.